

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

**CORPOS E CONDUTAS EM BEAUVOIR: UM DIÁLOGO SOBRE AS
MULHERES NA PROSTITUIÇÃO¹**
**BODIES AND CONDUCTS IN BEAUVOIR: A DIALOGUE ON WOMEN IN
PROSTITUTION**

Fernanda Espindola Allegretti², Ana Paula Kravczuk Rodrigues³

¹ Projeto de Pesquisa Realizado junto a Pós Graduação em Justiça Restaurativa e Mediação

² Graduada em Psicologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS; Pós Graduada em Justiça Restaurativa e Mediação pela Unijuí

³ Bolsista Integral Taxa CAPES. Mestranda no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado

Resumo: O presente trabalho visa compreender e expor a problemática em torno da prostituição, utilizando como base os estudos de Simone de Beauvoir busca,-se compreender a história da prostituição, seu surgimento, sua evolução e como a mesma se apresenta na atualidade. Pautadas pela ótica dos estudos de gênero e direitos humanos, foram feitos questionamentos nesse sentido, buscando entender os mecanismos sociais que colocam meninas e mulheres em situação de violência e falta de recursos, onde o único meio encontrado para a sobrevivência é a prostituição. Ainda, o estudo aborda dois lados da mesma moeda, pois existe também a livre escolha de muitas mulheres, que escolhem a prostituição como forma de liberdade sexual e quebra de dogmas sociais, porém, ambas alimentando a mesmo sistema que visa objetificar os corpos femininos e também movimentar um sistema que abusa de mulheres para gerar renda a uma instituição enraizada nas bases sociais.

Palavras-chave: Prostituição; Corpos; Beauvoir; Gênero.

BODIES AND CONDUCTS IN BEAUVOIR: A DIALOGUE ON WOMEN IN PROSTITUTION

Abstract: This paper aims to understand and expose the problem around prostitution, using as base the studies of Simone de Beauvoir seeks to understand the history of prostitution, its emergence, its evolution and how it presents itself today. Guided by the perspective of gender and human rights studies, questions were asked in this regard, seeking to understand the social mechanisms that put girls and women in situations of violence and lack of resources, where the only means found for survival is prostitution. Still, the study addresses two sides of the same coin, as there is also the free choice of many women, who choose prostitution as a form of sexual freedom and breaking social dogma, but both feeding on the same system that aims to objectify the female and female bodies. also move a system that abuses women to generate income for a socially rooted institution.

Keywords: Prostitution; Bodies; Beauvoir; Gender.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A prostituição sempre esteve presente no discurso social, mais comumente ligada a estereótipos negativos, representando o contrário da figura de esposa, a qual é vista como casta e serve os âmbitos público e privado. Durante muito tempo mulheres que faziam favores sexuais ou cultos com estes fins eram consideradas representantes da Grade Deusa, devendo os membros do clã respeito e adoração às mesmas, contudo, com o advento do patriarcado os ritos foram se perdendo e sendo substituídos em grande parte por ideais cristãos e misóginos.

A igreja católica auxiliou no processo de implantação da imagem da prostituta como um “mal necessário” dentro do imaginário social, fazendo com que as mesmas fossem marginalizadas e subjugadas, ocupando lugares afastados dos olhos dos cidadãos “de bem”, desta forma, suas vidas foram “esquecidas”, já não possuíam mais prestígio, cuidado e muito menos meios de sobreviver. Silva (2018, p. 2) utiliza os estudos de Rago e Funari (2008, p. 23) cita que “construir masculinamente a identidade da prostituta significou silenciá-la e estigmatizá-la e, ao mesmo tempo, defender-se contra o desconhecido - a sexualidade feminina - recoberta por imagens e metáforas assustadoras”.

As prostitutas são tratadas como uma espécie de praga, carregando consigo a “sujeira” e “podridão” da sociedade, pois é em sua companhia que os homens liberam suas necessidades mais profundas, por vezes cometendo atos puramente libidinosos, que caso fossem realizados dentro do lar, com a esposa, seriam vistos como o maior dos pecados.

Ainda, dentro da lógica patriarcal, ao deslocar a singularidade destes sujeitos é possível que se crie uma objetificação dos corpos femininos, fazendo com que as prostitutas sejam objetos descartáveis e sem valor algum, utilizados como forma de satisfação dos prazeres do outro, o homem. Nesse sentido, a venda do prazer carrega consigo diversos debates em relação ao lugar ocupado pela mulher dentro da profissão, de um lado há quem defenda a livre escolha das mulheres sobre a entrada nesse meio, como uma forma de controlar seu próprio destino e sexualidade, de outro há quem entenda a prostituição como forma de opressão devido aos mecanismos existentes dentro desta instituição, a qual movimenta dinheiro as custas da exploração feminina.

Vale ressaltar que a prostituição também é identificada como mecanismo de fuga para diversas mulheres, já que devido a ambientes familiares constituídos a base de violência ou negligência parental onde não existem condições básicas de sobrevivência física e afetiva, adolescentes e crianças encontram na prostituição uma forma de gerar renda de forma rápida para que seja possível uma mudança de vida. O ingresso na prostituição faz-se de forma progressiva. Elas começam por mendigar ou aceitar que lhes ofereçam algo e, logo, alguns homens mais velhos trocam essas ofertas por pequenas permissões de caráter sexual. Depois disto, acabam por se envolver em práticas de prostituição.

O presente trabalho visa buscar por meio da pesquisa maneiras de compreender os fenômenos

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

que envolvem a prostituição, já que milhares de mulheres adentram este meio a cada ano, seja por livre decisão, tráfico sexual ou por falta de oportunidades. Contudo, embora desprovidas de humanidade diante dos olhos do social, é importante ressaltar a singularidade destas mulheres, que embora estejam em situação de total precariedade de vida ainda buscam meios de sobreviver. Atualmente compreender os processos que envolvem a prostituição se faz de extrema importância para projetar melhorias no futuro destas mulheres, dando a elas a possibilidade de vida digna, direitos humanos e acesso à justiça.

1 A PROSTITUTA COMO BODE EXPIATÓRIO: QUESTÕES HISTÓRICAS

A figura da mulher prostituta sempre ocupou lugar dicotômico perante a sociedade, embora em certos períodos históricos esta figura tenha sido cultuada como forma de chegada ao divino, em sua maioria a mulher que encontra-se nesta posição é marginalizada e sua vida sofre impactos nos campos biopsicossociais. A partir de pesquisas na internet e buscas no dicionário Aurélio (2002) sobre o termo prostituta e seus derivados foram encontradas as seguintes descrições: “mulher pública, meretriz”, “oferecer serviços sexuais com o objetivo de obter lucro”, “perder ou tirar a dignidade”, “colocar interesses materiais à frente de princípios ou ideias”, “mulher que oferece serviços sexuais em troca de dinheiro ou em alguns casos, drogas”, “entregar à vida a devassidão, corromper, desmoralizar, rebaixar-se”. O termo prostituta deriva do latim “prosto”, significando estar à vista, a espera de quem chega ou exposta ao olhar público.

Durante a pré-história o regime patriarcal era inexistente, sendo assim as mulheres ocupavam lugar central na cultura e religião, eram associadas à Grande Deusashtar, a qual criou a força da vida e regia as atividades exercidas pelos clãs. As mulheres eram temidas como a natureza, pois também eram cíclicas e por vezes inconstantes. Os homens não sabiam que participavam da perpetuação da espécie, sendo assim, a gestação e concepção era algo mágico, enviado pelos Deuses por meio de suas representantes da terra.

É, pois, através delas que se mantém e propaga a vida do clã; de seu trabalho e de suas virtudes mágicas dependem os filhos, os rebanhos, as colheitas, os utensílios, toda prosperidade do grupo de que são a alma. Tanta força inspira aos homens um respeito misturado de terror e que se reflete em seu culto. Nela é que se resume toda a Natureza estranha (BEAUVOIR, 1967, p. 104).

Nesse período as mulheres eram responsáveis pela coleta de alimentos, já que participar da caça requeria profundo silêncio e muitas carregavam consigo bebês recém-nascidos, porém, embora o homem ficasse encarregado da caça e proteção do clã não havia no início da divisão de trabalho diferenças que colocassem a mulher em posição de desvalia. Beauvoir (1967, p. 103) cita que “a natureza na sua totalidade apresenta-se como uma mãe; a terra é mulher, e a mulher é habitada pelas mesmas forças obscuras que habitam a terra”, a frase exemplifica a forma que as mulheres eram vistas dentro da sociedade pré-histórica, tidas como incontroláveis e passíveis de serem temidas, assim como a natureza, a qual causa medo devido a seus processos inexplicáveis para a

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

época. Em razão disso, as mulheres foram sacerdotisas Xamânicas nas sociedades nômades, organizavam os rituais necessários para que todo o clã recebesse os bens enviados pela Grande Deusa, nesse processo o sexo não era visto como algo impuro, mas sim como forma de acessar o divino, assim, as sacerdotisas por vezes faziam grandes rituais onde diversos membros do clã transavam para conectarem-se com a Deusa.

Com a descoberta da agricultura o homem toma para si o saber e ao desenvolver objetos capazes de auxiliarem durante esse processo, subjuga a natureza e juntamente com essa as mulheres, que até então eram tidas como forças naturais e representantes do divino. Nesse processo os clãs deixam de serem nômades e fixam-se ao solo, sendo assim o homem não mais teme a fome e a natureza, pois passa a produzir o próprio alimento para sobreviver. Com a dominação da natureza os cultos foram perdendo seu valor social, fazendo com que as sacerdotisas levassem suas práticas para dentro de templos fechados.

Segundo Pereira (2009) com as primeiras civilizações da história estabelecendo-se na Mesopotâmia e no Egito novas formas de casamento foram instituídas e a sexualidade da mulher passa a ser totalmente controlada, a autora utiliza dos estudos de Nickie Roberts para citar que durante o segundo milênio antes de Cristo a prostituição é registrada pela primeira vez de forma escrita. As prostitutas da época eram na realidade as sacerdotisas adoradoras da Grande Deusa, já que em seus templos continuaram a realizar os ritos sexuais. Era por meio do rito sexual que os reis buscavam as bênçãos da Deusa, para que assim fizessem bons reinados e tivessem seus poderes legitimados.

No início dos templos todas as mulheres que lá exerciam suas funções eram tidas como iguais entre si, todas serviam e adoravam a Deusa, Pereira (2009) cita que com a ascensão dos homens ao poder surgiu a hierarquia, a qual adentrou o templo, fazendo com que estas fossem prostitutas de classe alta, por possuírem privilégios e poderes antigos, além de carregarem consigo símbolos de proteção por parte da Deusa. As prostitutas que trabalhavam fora do templo foram marginalizadas, sendo vistas como possuidoras de menor valor aos olhos da sociedade.

Os povos primitivos conheciam a prostituição hospitaleira, cessão da mulher aos hóspedes de passagem, que tinham sem dúvida razões místicas, e a prostituição sagrada, destinada a libertar as misteriosas forças da fecundação em benefício da coletividade. Esses costumes existiam na Antiguidade clássica. Heródoto conta que, no século V a.C., toda mulher de Babilônia devia, uma vez na vida, entregar-se a um estranho no templo de Milita em troca de uma moeda que ela oferecia ao tesouro do templo; em seguida retornava ao lar para viver castamente. [...] No Egito, na Índia, na Ásia Ocidental houve passagem da prostituição sagrada para a prostituição legal, encontrando a classe sacerdotal nesse comércio um meio de se enriquecer. (BEAUVOIR, 1967, p. 125)

A prostituição foi criada na Grécia por meio do Estado, como forma de (re)explorar a situação

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

precária destas mulheres, Sólon conhecido estadista, legislador e poeta grego foi quem percebeu a possibilidade de lucro, já que ao dar-se conta dos lucros obtidos por estas mulheres decidiu organizar bordéis oficiais. Segundo Beauvoir (ANO, p. 126) a prostituição ocorria próxima aos portos e beira-mar, devido ao grande fluxo de estrangeiros. Queiroz (2017) cita que durante muitos anos o Estado juntamente com a Igreja católica utilizaram do trabalho forçado destas mulheres para arrecadar dinheiro com fins de criarem catedrais em Londres, além disso, poemas da Idade Média mostram que era comum seminaristas “trabalharem” também como cafetões. François Villon em um poema relata a situação das mulheres prostitutas: “Quando um cliente chega, eu encho potes de vinho e os trago [...] Neste bordel nós fazemos um negócio ribombante [...] mas quando ela vem pra casa sem dinheiro não posso suportá-la e ela irá derramar sangue”.

A criação se deu para além dos fins lucrativos, já que com a chegada dos viajantes aos portos das cidades gregas o numero de abusos sexuais cresceu exponencialmente, sendo assim, para evitarem o abuso de esposas e filhas dos residentes da cidade, foram criados os bordéis. As mulheres pertencentes a estes bordéis estatais eram escravas, diferentes das residentes no templo. Logo após sua criação os bordéis ficaram conhecidos por toda a cidade e arredores, o que abriu caminho para que muitas mulheres após terem seus casamentos desfeitos recorressem ao local como forma de renda, contudo, devido à imagem manchada por serem mulheres separadas quando chegavam aos bordéis eram colocadas no mesmo grupo das estrangeiras, sem prestígio nenhum, marginalizadas, ainda mulheres de baixa renda buscaram os bordéis como pensão.

Com o início da hierarquização dentro da prostituição, foram criados títulos que separavam as prostitutas entre si. Beauvoir (1967) cita que para além das mulheres que viviam nos *dicterions*(prostíbulo) haviam três categorias de cortesãs, sendo elas:

As *Dictériades*, análogas às mulheres registradas na policia, em nossos tempos; as *Auletrides*, que eram dançarinas e tocadoras de flauta; e as *Hetairas*, meretrizes que vinham geralmente de Corinto, tinham relações oficiais com os homens mais notáveis da Grécia e desempenhavam o papel social das “mundanas” de hoje. As primeiras recrutavam-se entre as forras e as jovens gregas de baixa extração; exploradas pelos proxenetas, levavam uma existência miserável. As segundas conseguiam muitas vezes enriquecer graças a seus talentos. [...] Quanto às ultimas, sabe-se que muitas se associaram à glória de seus amantes. Dispondo livremente de si mesmas e de sua fortuna, inteligentes, cultas, artistas, eram tratadas como pessoas pelos homens que se encantavam com seu comércio. (BEAUVOIR, 1967, p. 126).

Na Grécia as mulheres não eram consideradas cidadãs, por tanto não possuíam direitos como os homens, suas atividades estavam ligadas aos cuidados do lar, elas não poderiam de forma alguma participarem de debates políticos ou intervirem na sociedade de qualquer forma. Contudo, Silva (2018) cita que nas classes mais baixas da sociedade grega havia a necessidade da busca de alimentação e sobrevivência, sendo assim, as mulheres possuíam maior autonomia em relação

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

aquelas de classe mais elevada, desta forma a prostituição era utilizada como forma de arrecadar valores para o bem-estar familiar, durante esse período muitas meninas foram alugadas como objeto sexual para auxiliar na geração de renda familiar, “muitas ficavam em portos à espera dos navios e marinheiros e aceitavam como pagamento desde as dracmas (moedas) até objetos, mimos ou outros serviços”.

As cortesãs eram tachadas de infames, não tinham nenhum direito social, os seus filhos não eram obrigados a sustentá-las; deviam usar um vestido especial de fazenda sarapintada e enfeitada com flores, além de tingir os cabelos com açafrão. (BEAUVOIR, 1967, p. 126).

A hierarquia entre as mulheres não ficou restrita somente às prostitutas, permeou os lares e fez com que as mesmas fossem postas em situação de desvalia em relação às esposas, Queiroz (2017) utiliza os estudos de Nickie Roberts, quem seu livro diz que “nessa época, já começava a ampliar a lacuna entre as “boas” - dóceis e obedientes - esposas e as “más” - sexualmente autônomas - prostitutas”. Ainda, os homens dispunham de diversas mulheres para satisfazer seus desejos, pois devido ao lugar de desvalia ocupado pela esposa, a mesma só era “usada” para fins de procriação, quem satisfazia os desejos “do espírito” eram as cortesãs, Beauvoir (1967, p. 124) cita Demóstenes para exemplificar a situação “a *palákina* para o prazer dos sentidos e a esposa para nos dar filhos”. A *palákina* era a substituta da esposa, a mesma era chamada ao leito do homem quando sua esposa encontrava-se acamada, grávida ou no período pós-parto.

Em Atenas as esposas viviam sob um regime guiado pelo silêncio e impotência, era vistas como objetos pertencentes aos representantes dos poderes, ou seja, pai, marido e Estado. A guerra entre esposas e prostitutas existe desde o início dos tempos e permanece até hoje, contudo, é preciso compreender que durante esse período histórico a vida das mulheres em geral era extremamente precária, estando elas em qualquer um dos dois lados da história, sendo assim, as esposas embora tivessem uma família a cuidar eram igualmente desrespeitadas e humilhadas. Mulheres possuíam poucas funções, no caso das prostitutas era dar prazer ao homem, no caso das esposas era gerar filhos e cuidar do lar.

Enquanto a sociedade avançava (para os homens) as mulheres encontravam-se cada vez mais submissas e sem possibilidades de lutarem contra o sistema que as controlava, Queiroz (2017) cita que embora a situação das prostitutas tivesse avançado em direção à miséria e marginalização, ainda havia preferência por parte de muitas em entrarem no ramo, já que isso as libertava da posição de esposa. Ainda, para exemplificar as posições diferentes ocupadas pelas mulheres a autora utiliza o Código de LipitIshtar, referente à dois mil anos antes de Cristo, onde consta que “Se um homem não tiver filhos com sua esposa, mas os tiver com uma prostituta das ruas (...) os filhos dela serão os herdeiros dele; mas enquanto a esposa viver, a prostituta não pode conviver na casa dele”.

Uma das consequências da escravização da “mulher honesta” à família é a existência da prostituição. Relegadas hipocritamente à margem da

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

sociedade, as prostitutas desempenham papel dos mais importantes. O cristianismo despreza-as, mas as aceita como um mal necessário. “Suprimi as prostitutas” diz santo Agostinho, “e perturbareis a sociedade com a libertinagem”. E posteriormente são Tomás - ou o teólogo que assinou com esse nome o livro IV o *De regimine principum* - declara: “Eliminai as mulheres públicas do seio da sociedade, e a devassidão a perturbará com desordens de toda a espécie. São as prostitutas, numa cidade, a mesma coisa que uma cloaca num palácio; suprimi a cloaca e o palácio se tornará um lugar sujo e infecto”. (BEAUVOIR, 1967, p. 144)

Na Idade Média, assim como em grande parte do tempo anterior a ela, a detenção dos prazeres estava do lado masculino e nesse sentido, foram sendo criados mecanismos para que a mulher temesse sua própria sexualidade, fazendo com que acreditassem que experienciar o prazer era algo impuro, algo a ser igualado a prostituição. O que antes era sagrado, agora era o pior dos pecados. A igreja católica presta grandes serviços na desvalorização das mulheres, na repressão de sua sexualidade e na criação da dicotomia que recai sobre as mesmas, já que é ela quem afirma que a mulher só cabem dois papéis: santa ou puta, céu ou inferno. Silva (2018) cita que “o mito da Criação foi crucial para associar a mulher à imagem de perigo, corrupção, portadora do mal e da libido demoníaca. Afinal, eram todas filhas de Eva”.

As mulheres eram vistas como possuidoras do pecado original e disseminadoras do mal, por isso, elas eram mantidas puras e afastadas dos homens. Maria, mãe de Jesus, aparece como símbolo ideal de comportamento feminino, em que as mulheres deveriam se espelhar: mãe, esposa e virgem. (SILVA, 2018, p. 6)

O catolicismo passa a ver a sexualidade como um mal a ser controlado, as mulheres deveriam seguir o modelo de Maria e escolherem o caminho da purificação, enquanto isso, seus noivos e esposos despejavam suas tensões sobre as prostitutas. Elas foram utilizadas como método de contenção em relação à selvageria proveniente do homem que não tem seus desejos carnis satisfeitos. A vida das mesmas se tornou cada vez mais miserável na medida em que foram desenvolvidos métodos de as silenciar perante a sociedade. Beauvoir (1967, p. 145) aborda essa questão mostrando como o Estado negligenciava a vida das prostitutas enquanto roubava seu meio de sustento, “não tinham nenhum recurso contra a polícia e a magistratura, bastava uma reclamação de algum vizinho para que as expulsassem de suas casas. Para a maioria delas a vida era difícil e miserável”. O Estado juntamente com a igreja católica mostrou para a sociedade o quanto a liberdade sexual era pecaminosa e vexatória.

Em alguns casos, prostitutas eram impedidas de fazer acusações contra pessoas que lhes fizessem mal, em outros, o estupro de prostitutas chegou até a ser legalizado. No século 13, ele criou um manual para confessores em que descrevia que as prostitutas tinham direito de vender sexo - mas se chegassem ao clímax, tinham a obrigação moral de não

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

receber dinheiro por isso. (QUEIROZ, 2017, np)

Ainda, com intuito de punir, a igreja da início a caça as bruxas, a qual englobava mulheres que não escolheram o caminho da castidade. Em nome da moral e bons costumes estas mulheres foram torturadas e tiveram seus corpos expostos diante da sociedade como aviso para que outras permanecessem submissas às vontades dos homens que não aceitavam mulheres como seres sexuais. Beauvoir (1967, p. 201) cita que **“nenhum homem consentiria em ser uma mulher, mas todos desejam que haja mulheres”**.

2 MERCANTILIZAÇÃO E PROSTITUIÇÃO DO CORPO FEMININO SOB O RECORTE DE GÊNERO

Mercadoria é definida, por Marx (2003, p. 57), como “(...) antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia”.

Assim, ao se entender que o sexo faz parte de um mercado, o qual possui uma grande demanda também de “serviços sexuais”, implica em que pessoas tornem-se mercadorias. Isso só pode ser compreendido na medida em que, historicamente, constituem-se relações de desigualdade de classe, cor e gênero, ainda que não forjadas necessariamente pelo capitalismo, são apropriadas e utilizadas com o fim de obtenção de lucro. Tal situação ocorre porque, além de possibilitarem sua comercialização repetidas vezes, o seu valor é estabelecido, culturalmente, como menor. Portanto, as relações sociais desiguais e de dominação não apenas servem para a exploração pelo capital, como também se realizam de forma naturalizada.

O processo de conversão de pessoas ou relações sociais em mercadoria é que dá ensejo a esse fenômeno, denominado por Marx, de fetichismo, pelo qual, segundo Maria Lucia Silveira, “cria-se a ilusão de que as coisas têm valor em si, escondendo o essencial: que nelas estão investidos produtos do trabalho humano” (2007, p.69). Dessa forma, as relações sociais são vistas como coisas, externas, naturalizadas, objetivas e guiadas por leis de mercado, escondendo, muitas vezes relações desiguais e opressivas entre pessoas.

Quando se trabalha com mulheres inseridas no mercado do sexo, contudo, há de se tratar, conjuntamente, da questão da sexualidade; ponto que gera grande controvérsia na literatura feminista, possuindo definições antagônicas. Para uma parcela de mulheres, a sexualidade pode ser definida como um elemento utilizado, puramente, para sua objetificação, impedindo-as, portanto, de ascender ao reconhecimento de sujeitos portadores de direitos civis. Ao contrário, outros grupos entendem a sexualidade como uma arena de potencial liberação para as mulheres.

Essas visões, aparentemente contrárias, na literatura feminista, de maneira simplista, entendem a sexualidade em vertentes opostas: uma como hostil ao sexo, que era percebido como a fonte da opressão feminina em uma ordem patriarcal, e outra que defendia o sexo como fonte de prazer e poder nas vidas das mulheres. Dessa maneira, a prostituição, e, conseqüentemente, a mulher

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

prostituta, desempenha dois papéis na sociedade: ou trata-se da vítima mais oprimida ou do ser mais subversivo ao patriarcado. Por mais que sejam papéis diversos, coexistem personificados em cada mulher que se apresenta no mercado do sexo. (PISCITELLI, 2005).

O próprio fato de existir a prática de tráfico de mulheres para o fim sexual renova o estudo dos poderes simbólicos e do papel estritamente frágil e não civilmente útil já imposto às mulheres há décadas na sociedade.

Um estudo da fundação francesa Scelles revelou que, atualmente, cerca de 40 milhões de pessoas se prostituem, sendo que 75% são mulheres na faixa etária dos 13 aos 25 anos e, 90% ligadas a cafetões. Mesmo assim, cada vez mais se oculta que são as mulheres a grande maioria das pessoas que são prostituídas, como se a existência de prostituição masculina, de travestis e transexuais, retirasse o caráter patriarcal desse tipo de ocupação.

Criou-se um discurso que justifica a prostituição, banalizando o que é uma das maiores violências cometidas contra as mulheres. A naturalização dessa verdadeira mercantilização do corpo feminino faz com que as pessoas pensem que esta certamente é a melhor opção para as prostitutas, argumentando que as mesmas são “mulheres da vida”. Mas afinal, que vidas são essas? Quais são as circunstâncias impostas a essas mulheres que as levam a recorrerem à prostituição?

Muitas pessoas têm buscado reduzir a prostituição a um trabalho como outro qualquer, como se fosse só mais um serviço, realizado, em todos os casos, por livre escolha das mulheres. O que não é levado em consideração é o fato de que, dentro da prostituição, não existem só as prostitutas. Existem clientes, empresários, cafetões e cafetinas. Sendo assim, ela não pode ser pensada só a partir de um comportamento individual quando representa, na verdade, uma instituição; uma estrutura econômica que movimenta dinheiro à custa de corpos femininos.

É necessário compreender também que a prostituição é um dos pilares do capitalismo patriarcal, estruturado no controle dos homens sobre o trabalho, o corpo e a sexualidade das mulheres. O modelo de sexualidade desse sistema mantém as mulheres presas à dicotomia de santas/putas enquanto determina para os homens um “apetite sexual” insaciável. A prostituição aparece como uma forma de suprir esses supostos desejos masculinos incontrolláveis; o que demonstra como ela é um mecanismo de controle e exploração. Em um maior aprofundamento, a prostituição é a expressão máxima da força do patriarcado e do que ele representa, na medida em que há um reconhecimento dos clientes como senhores sexuais das prostitutas, que precisam atender, com o uso de seus corpos, a todas as demandas masculinas.

Mas essas demandas não se resumem a meras exigências de um serviço. Apesar de ser uma fonte de renda para quem se prostitui, há certas diferenças entre a prostituição e outras ocupações e trabalhos. A primeira diferença está no fato de que é um cliente do sexo masculino que participa do contrato de prostituição e não um patrão. Portanto, os interesses do cliente são interesses sexuais; ele não busca lucro. O corpo da prostituta e o “serviço” que ele prestará é o que importa

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

para esses clientes. Dessa maneira, a prostituição não pode ser caracterizada como uma simples venda de força de trabalho quando o corpo da mulher está diretamente envolvido e representa o objeto do contrato.

A prostituição também cumpre um papel econômico, partindo-se do pressuposto de que existe um mercado mundial que visa a mercantilização dos corpos, controlando essas mulheres em um âmbito maior. Mas também existe um controle por parte dos cafetões. A ideia de que as prostitutas são autônomas e empoderadas mascara as relações de poder e opressão as quais estas mulheres estão submetidas. Esconde anos de abusos sexuais, estigmatizações, violência física e violência institucional. O esquema da prostituição é diverso, mas na maioria das vezes as mulheres precisam pagar aluguel de quarto, comida, e muitas vezes entram em uma relação abusiva com seus “patrões”, os cafetões, que usam da violência como forma de gratificação sexual, de punição, humilhação e intimidação, para mostrarem que exercem total controle sobre as mulheres prostituídas. Além disso, a maioria das mulheres adentra o mundo da prostituição quando ainda são adolescentes ou até mesmo crianças.

As abordagens feministas à prostituição têm vindo a sofrer mudanças desde que o debate se instalou no seio deste movimento. Se, nas fases iniciais da análise feminista da prostituição, esta foi tratada de forma reducionista como uma atividade desviante, mais recentemente passou a ser encarada como uma resposta compreensível e razoável às necessidades socioeconômicas entendidas num contexto de cultura consumista e num enquadramento social que privilegia a sexualidade masculina, como fica patente no trabalho de Maggie O’Neill (2001).

A discussão sobre a prostituição é um dos mais antigos debates no âmbito dos feminismos, tendo surgido logo na 1ª vaga deste movimento com as perspectivas marxista-socialista e radical e evoluindo com este, quando, a 2ª vaga do feminismo, a partir dos anos 70 do século XX, começou a desmontar as representações tradicionais da prostituição, nomeadamente com a teoria liberal feminista a salientar a livre escolha e a responsabilização de cada mulher sobre as suas decisões (Pinto, Nogueira e Tavares, 2010).

Se nos centrarmos agora no momento de entrada na prostituição, tod@s partilham uma característica: o desejo de ganhar dinheiro, de forma mais rápida e em maior quantidade. A antecipação de que poderão atingir este objetivo com o sexo comercial é, frequentemente, sugerida por amigas, conhecidas, vizinhas ou colegas com experiência na prostituição, que as ajudaram a perceber as vantagens, dando com isso um contributo para a sua decisão de iniciarem a atividade.

No que concerne às influências exercidas por terceiros na entrada na prostituição, existe um estereótipo que é infirmado neste trabalho: o de que as mulheres entram na prostituição sempre pela influência nefasta de um explorador.

Outra regularidade consiste na passagem pelo alterne ou pela prostituição de interior, em bares ou em apartamentos, antes do ingresso na prostituição de rua. Cerca de metade das trabalhadoras

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

do sexo, de casos estudados, trabalhou em contextos de interior antes de se decidir pela prostituição de rua. Esta passagem por outros tipos de trabalhos sexuais, com posterior opção pela rua, dá-se pelo reconhecimento das vantagens deste tipo de prostituição, nomeadamente pela probabilidade de fazerem mais dinheiro por não terem que repartir lucros, pela liberdade de horários e dias de trabalho e pelo fato das relações sexuais serem habitualmente rápidas e desprovidas de afeto, e não por degradação pessoal ou despromoção na carreira.

Quanto aos aspetos singulares: há mulheres que entraram no trabalho sexual com pouca idade, entre os 16 e os 20 anos, mas outras que o fizeram mais tarde, depois de terem passado por um casamento e quando já têm filhos; algumas ingressaram na prostituição porque estavam desempregadas, outras desempregaram-se para entrar na prostituição; ainda outras nunca tiveram um emprego sem ser na área do trabalho sexual. A maior parte tem filhos e marido, companheiro ou namorado, com quem formam uma família, mas nem todas preenchem estas duas características. Certas, por exemplo, moram só, em pensões.

Quando se analisam os percursos individuais das prostitutas, tomando em consideração as variáveis contextuais, familiares e sociais que caracterizam tanto o seu passado como o momento presente, os recursos psicológicos, económicos, escolares e profissionais que possuem e a altura da vida em que se encontram, percebe-se que houve uma ruptura que implicou uma modificação na sua trajetória. Esta noção de ruptura ou inflexão na trajetória de vida destas mulheres e transgénero, quando iniciam o trabalho sexual, parece-nos importante para a compreensão da sua entrada no comércio do sexo. O ingresso no trabalho sexual faz-se através dum processo de corte num momento crítico ou com um passado problemático que rejeitam.

As circunstâncias que estão subjacentes a esse processo são variadas, mas observam-se duas formas que surgem com mais frequência: a presença dum acontecimento marcante que provoca alterações drásticas na vida da pessoa e a fuga à violência familiar.

A presença dum acontecimento marcante que provoca alterações drásticas na vida da pessoa é observada em várias das histórias de mulheres e transgéneros. Trata-se duma ocorrência relevante, como o divórcio, a prisão do cônjuge, a expulsão de casa pelos familiares ou a perda do emprego - acontecimentos de vida importantes que obrigam a mudanças profundas na existência individual. Nestas situações, as suas necessidades financeiras aumentam exponencialmente, pois ficam sozinhas com os filhos a seu cargo, não podem dividir despesas, passam a ter que pagar uma renda de casa, podendo igualmente haver uma diminuição repentina dos seus rendimentos. Em face destas circunstâncias, o trabalho sexual surge como uma opção válida, no qual elas poderão auferir a quantia de dinheiro de que necessitam.

A outra circunstância que aparece com frequência relevante é a fuga à violência familiar continuada. Esta motivação, presente em muitas das histórias de vida, está associada quer à violência conjugal, quer à violência parental. Assim, existem mulheres que ingressaram na prostituição na sequência da fuga dum casamento no qual eram vítimas de violência por parte do marido.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Mulheres bastante jovens fogem ao seu meio familiar por serem vítimas de agressões físicas, psicológicas ou sexuais, por assistirem a maus-tratos conjugais ou por desejarem escapar à rigidez e desadequação das normas impostas pelos progenitores. Em algumas destas situações, as raparigas ficam sozinhas e, sem outras formas de sustento, a prostituição pode, então, aparecer como a alternativa mais realista para poderem sobreviver. O ingresso na prostituição faz-se de forma progressiva. Elas começam por mendigar ou aceitar que lhes ofereçam algo e, logo, alguns homens mais velhos trocam essas ofertas por pequenas permissões de caráter sexual. Depois disto, acabam por se envolver em práticas de prostituição.

Estas duas formas de entrar no trabalho sexual, a que decorre de um acontecimento drástico e a que ocorre por fuga à violência, são os percursos de entrada na prostituição que surgiram mais frequentemente nas trajetórias que estudei, embora não esgotem a totalidade das situações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perspectivas feministas relativas à prostituição têm, ao longo do tempo, passado por mudanças, sendo que, atualmente, a abordagem vitimizante, aquela que mais fortemente é associada com o feminismo, encontra-se a par de uma outra visão sobre a prostituição que encara esta como uma opção e um trabalho. Ainda assim, mesmo esta corrente deve estar vigilante sobre as formas que a sua concepção pode tomar para que, ao tentar fugir de uma visão simplista, o determinismo abolicionista, não caia numa outra abordagem simplista, aquela que glorifica o trabalho sexual, esquecendo que nem sempre este é vivido de forma positiva.

De qualquer forma, quaisquer leituras feministas que possam ser efetuadas serão sempre parciais, pois partem da realidade social e política que as enquadra, tal como cada prostituta terá a sua própria subjetividade (Pinto *et al.*, 2010). Porém, se assumirmos a tradição interpretativa da concepção construtivista da ciência (Denzin, 1998), reconhecendo que a interpretação assenta no conhecimento *de dentro* e que os objetos da sua análise são as experiências vividas pelas pessoas (Charmaz, 1995), esta dualidade entre perspectivas feministas e subjetividades das prostitutas deixa de ter lugar. Aliás, como referem Pedro Pinto *et al.* (2010), é preciso ouvir as vozes das prostitutas e aquilo que elas nos contam para lá das cegueiras ideológicas, considerando a subjetiva especificidade das múltiplas experiências. Até porque os conhecimentos científicos e empíricos têm mostrado isso mesmo, que a realidade do comércio do sexo é multifacetada e as motivações, experiências e significados dos/as trabalhadores/as do sexo são diversificados.

A maioria dos comportamentos humanos são complexos e este, em particular, pelas suas características e implicações, é o de sobremaneira, pelo que deve ser apreendido de forma complexa. Só poderemos compreender a prostituição na articulação da multicausalidade (tendo em conta variáveis de diversa ordem - psicológicas, sociais, culturais, económicas, de gênero), na apreensão dos processos e na análise dos sentidos e significações que o sujeito atribui aos seus atos e às suas inter-relações; sem grelhas ideológicas que espartilhem as múltiplas realidades e experiências, mas partindo dessa mesma realidade para fundamentar as nossas interpretações.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

CORRÊA, Willian Henrique; HOLANDA, Adriano Furtado. **Prostituição e sentido de vida: Relações de significado**. In: Psico-USF, Bragança Paulista, v. 17, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v17n3/09.pdf> Acesso em: 15/jul.

CHARMAZ, Kathy. **Grounded theory**. In: Rethinking methods in psychology, London, Sage Publications, pp. 27-49. 1995.

DENZIN, Norma. **The art and the politics of interpretation**. In: Norma Denzin e Yvonna Lincoln (org.) *Collecting and interpreting qualitative materials*, Thousand Oaks, Sage Publications, pp. 313-344. 1998.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro I, Tomo I. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

O'NEILL, Maggie. **Prostitution & feminism**. Towards a politics of feeling, Cambridge, Polity Press, 2010.

PEREIRA, Patrícia. **As prostitutas na história - De deusas à escória da humanidade**. 2009. Disponível em: <http://historianovest.blogspot.com/2009/03/as-prostitutas-na-historia-de-deusas.html> Acesso em: 15/jul.

PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Conceição; TAVARES, Manuela. **Prostitutas e feministas: refazer abordagens, reconciliar caminhos**. In: Manuel Carlos Silva e Fernando Bessa Ribeiro (orgs.), *Mulheres da vida, mulheres com vida: prostituição, estado e políticas*. Braga, Húmus/Universidade do Minho - Centro de Investigação em Ciências Sociais, pp. 233-254. 2010.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero no mercado do sexo**. Caderno Pagu no. 25. Campinas Julho/Dezembro 2005.

SILVA, Gabriela Natalia. **As muitas faces da prostituição: Uma abordagem histórica sobre o controle da sexualidade a partir de Foucault**. In: Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar, Matinhos, v. 11, n. 1, p. 15-25, jan./jun. 2018.

SILVEIRA, Maria Lucia Silveira. **A mercantilização do corpo e da vida das mulheres - Alinhavando reflexões**. In: SILVEIRA, Maria Lucia; FREITAS, Tais Viudes de. *Trabalho, Corpo e Vida das Mulheres - Crítica à Sociedade de Mercado*. São Paulo: SOF, 2007.

QUEIROZ, Nana. **Breve história da prostituição: de puta sagrada à devassa**. 2017. Disponível em:

Bioeconomia:
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SALÃO DO UNIJUI 2019
CONHECIMENTO

21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica
XXIV Jornada de Pesquisa
XX Jornada de Extensão
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

<https://azmina.com.br/reportagens/breve-historia-da-prostituicao-da-puta-sagrada-a-devassa-pecadora/> Acesso em: 16/jul.